

DIAS DE  
**Jejum  
& Oração**  
*na Tradição  
Reformada*



Daniel R. Hyde



# Dias de Jejum e Oração na Tradição Reformada<sup>1</sup>

Daniel Hyde

Em homenagem ao Dia Nacional de Ações de Graça aqui nos Estados Unidos, penso que seria benéfico dizer alguma coisa a respeito da história dos dias de jejum e oração na tradição reformada – quer tenham tido como propósito o arrependimento ou as ações de graça. Também pretendo apresentar algumas razões por que essa prática, apesar de benéfica, não costuma ser praticada tanto quanto deveria em nosso tempo.

## Um pouco de história

Primeiro, quero apresentar uma visão geral da história dos dias de jejum e oração. Esses dias eram prática da igreja de Cristo desde a igreja primitiva. Em nossa tradição reformada, lê-se que as igrejas reformadas da Suíça (por exemplo, as Ordenanças Eclesiásticas de Genebra), Dinamarca, França, e Inglaterra (veja abaixo) participavam de forma ativa dessa prática, tanto em tempos de grande bênção, como em épocas de calamidades. Um testemunho desse fato na tradição em que eu sirvo como ministro, que é a tradição reformada holandesa, é a oração: “Uma confissão geral de pecados, e a oração que antecede ao sermão nos dias de jejum e oração” (Psalter Hymnal<sup>2</sup>, pág. 181). Essa oração era uma aplicação do artigo 66 da Ordem da Igreja do Sínodo de Dort, que diz:

Em tempos de guerra, epidemias, desastres, grande perseguição contra as igrejas, e outras situações aflitivas, os ministros das igrejas deverão solicitar ao Governo o exercício da sua

---

<sup>1</sup> Traduzido por Helio Kirchheim

<sup>2</sup> Algo como “Hinário do Saltério”. — N. do T.

autoridade e ordenar ao povo que marque e separe dias de jejum e oração (art. 66).

Em nosso contexto, agora, guardam-se como dias de oração a segunda quarta-feira de março, para celebrar a colheita, ou o Dia Nacional da Oração (primeira quinta-feira de maio).

### **O ensino das Confissões**

A Confissão Reformada também reconhece esse tipo de atividade, e nos prescreve como observá-las. Na Segunda Confissão Helvética, publicada por Heinrich Bullinger em 1566, ele contrastou uma vida de embriaguez e uma vida de jejum:

O jejum é a abstinência e a moderação dos piedosos, e a vigilância e a disciplina de nossa carne, empregadas em favor de alguma necessidade presente, por meio das quais nos humilhamos diante de Deus, e privamos a carne das coisas que ela aprecia, a fim de tornar-se mais disposta e obedeça com maior facilidade ao Espírito. Por essa razão, aqueles que não prestam atenção a essas coisas não jejuam de fato. Eles pensam que, se encham o estômago apenas uma vez por dia, estão jejuando, e quando por um período de tempo se abstêm de certos alimentos, pensam que dessa forma agradam a Deus e obtêm mérito junto dEle. O jejum é um auxílio para as orações dos santos e para todas as virtudes; mas os jejuns em que os judeus se abstinham de alimento, mas não abandonavam a perversidade, não agradavam a Deus em nada, como podemos ver nos livros dos profetas.

Jejuar, de acordo com Bullinger, é privar algo ao corpo com o objetivo de servir ao Espírito. Depois de assim definir o jejum, Bullinger prosse-

gue fazendo distinção entre jejuns públicos e particulares, e a necessidade de ambos:

Ora, o jejum pode ser tanto público como privado. Antigamente celebravam-se jejuns públicos em tempos difíceis, e quando a igreja passava tempos de aflição. Havia abstenção de alimento desde o anoitecer, e entregavam-se, todo aquele tempo, a santas orações, a adoração de Deus, e ao arrependimento, com gemidos e lamentos. Com frequência se faz menção dessas ocasiões nos profetas, e especialmente no segundo capítulo de Joel. Deveria ser esse o jejum praticado pela igreja em nossos dias, em tempos de aflição. Os jejuns pessoais são praticados por cada um de nós, quando sentimos o espírito enfraquecer-se no íntimo, pois dessa forma afastamos aquilo que poderia nutrir e fortalecer a carne.

Bullinger aplicou a seus próprios dias aquilo que tinha acontecido antigamente, dizendo que o povo de Deus não só “celebrava jejuns públicos” em “dias passados” durante os tempos de tribulação, mas “em nossos dias” esses jejuns “deveriam ser observados” por nós. Por fim, Bullinger descreve a atitude do verdadeiro jejum cristão da seguinte forma:

Todo jejum deve proceder de um espírito livre e voluntário, e verdadeiramente humilhado, e não deve provir do desejo de aplauso e de ser visto pelos homens, muito menos com o fim de justificar-se por meio dele. Mas que todos jejuem com a finalidade de despojar a carne daquilo que lhe agrada, a fim de servir com mais zelo a Deus.

O jejum não é imposição de Deus ou da igreja, mas é trabalho livre e voluntário do cristão “para que sirva a Deus com maior zelo”.

Mais tarde, em 1615, James Ussher redigiu os Artigos da Religião Irlandesa para expressar a fé puritana da Irlanda. Três dos 104 artigos tratavam do jejum. O artigo 49 refere-se às circunstâncias que provocam esses dias de jejum, humilhação e oração:

Quando o Deus Onipotente nos castiga com aflições, ou alguma grande calamidade nos sobrevém, ou qualquer outra causa o requeira, é nosso dever nos humilharmos com jejum, para lamentar nossos pecados com coração pesaroso, e nos dedicarmos a fervorosa oração, para que Deus desvie de nós a Sua ira, ou nos agracie com as graças de que tanto precisamos.

Ussher passa a descrever o jejum como “evitar alimento, bebida, e qualquer outro tipo de comida ou prazer corporal, durante o tempo estipulado para jejuar” (art. 50). Ele prossegue descrevendo a atitude interior daquele que jejuar:

Não devemos jejuar pensando que nosso jejum nos fará entrar no céu, ou que atribuirá santidade ao nosso esforço . Deus não reconhece nosso jejum pelo fato em si (abster-se de alimento, por si, é algo moralmente neutro), mas Ele leva em consideração como o coração é influenciado por essa prática. Por isso, é necessário, antes de qualquer outra coisa, limpamos o nosso coração do pecado, e então direcionarmos nosso jejum aos fins que Deus reconhecerá como bons: que a carne seja dessa forma açoitada, que o espírito se torne mais fervoroso na oração, e que nosso jejum possa tornar-se um testemunho da nossa humilde submissão à majestade de Deus. Isso ocorre quando reconhecemos os pecados que cometemos contra Ele, e nos entristecemos no íntimo, de

coração, expressando esse mesmo sentimento afligindo o nosso corpo.

Da mesma forma que Bullinger, Ussher via o jejum como um meio exterior por meio do qual a alma se tornava mais maleável ao trabalho do Espírito.

A Confissão de Westminster segue bem de perto o parecer de Ussher, mencionando brevemente o jejum no contexto da adoração pública:

A leitura das Escrituras, com temor reverente, a sadia pregação e o consciencioso ouvir da Palavra, em obediência a Deus, com entendimento, fé, e reverência, cântico de salmos com graça no coração; assim como também a devida administração e o digno recebimento dos sacramentos instituídos por Cristo, são todos parte da comum adoração a Deus. Juntamente com juramentos, votos, *jejuns solenes*, e ações de graça por ocasiões especiais, os quais devem, em suas ocasiões próprias, ser praticados de forma santa e zelosa (21.5; ênfase adicionada).

No Catecismo Maior isso é declarado ainda mais enfaticamente: “Quais são os deveres exigidos pelo segundo mandamento? Os deveres exigidos pelo segundo mandamento são... o jejum religioso” (P&R 108).

No Guia de Adoração Pública de Deus na Assembleia, há uma seção inteira relacionada com “O solene jejum público”. O contexto é tanto um tempo de tribulação quanto um tempo de busca da bênção de Deus.

O solene jejum público é um dever que Deus requer, quando algum juízo grande e notável cair sobre um povo, ou mostrar-se iminente, ou por alguma provocação seja claramente merecido. Também quando busca e obtém alguma bênção especial,

essa nação ou povo deve voltar-se a Deus em solene jejum público (o qual deve estender-se durante o dia todo).

Antes da reunião, os membros preparavam-se em particular e se reuniam “cedo na congregação”. Uma “grande parte do dia” era empregada em “leitura pública e pregação da palavra, com cântico de salmos, próprios para despertar sentimentos adequados a esse dever; mas especialmente em oração”. Os pastores passavam a orientar a oração:

Damos glória à grande Majestade de Deus, o Criador, Preservador, e supremo Governador de toda a terra, o único digno de santa reverência e respeitoso temor. Reconhecemos a Suas misericórdias multiformes, grandes e ternas, especialmente à igreja e a esta nação, misericórdias que nos enternecem e humilham o coração diante dEle. Humildemente confessamos os pecados de toda sorte, com suas inúmeras conseqüências; justificamos os justos juízos de Deus, reconhecendo que são muito menores do que nossos pecados merecem. Contudo humilde e sinceramente imploramos a Sua misericórdia e graça por nós mesmos, pela igreja e pela nação, por nosso rei, e por todos que estão em posição de autoridade, e por todos os outros por quem temos a responsabilidade de orar (conforme as presentes circunstâncias). Fazemos isso com muito maior importunação e intensidade do que noutros tempos, referindo-nos pela fé às promessas e à bondade de Deus, em busca de perdão, ajuda, e libertação dos males que sentimos, tememos, ou merecemos. E para obtermos as bênçãos de que precisamos e que esperamos, juntos nos rendemos totalmente e para sempre ao Senhor.

Na oração, os ministros deveriam “falar com o coração”, de forma que tanto eles como o povo fossem “dessa forma muito influenciados, e mesmo se

comovessem, especialmente com tristeza pelos seus pecados; para que fosse de fato um dia de profunda humilhação e aflição de alma”.

Os textos pregados seriam escolhidos pelo critério daquilo que “fosse preparar melhor o coração dos ouvintes para o propósito específico daquele dia, e que melhor os dispusesse à humilhação e ao arrependimento”.

### **As necessidades de hoje**

1. Quando instituímos dias de jejum e oração hoje, temos como propósito ajustar continuamente nossa adoração e vida ao ensino das Escrituras, assim como tem sido feito em toda a história da igreja.
2. Quando instituímos dias de jejum e oração, queremos lembrar em público a grandeza de nossos pecados e a nossa miséria, lembrar-nos da necessidade de verdadeiro arrependimento e de buscar ao Senhor.
3. Quando instituímos dias de jejum e oração, queremos apresentar ao Senhor, de forma pública e coletiva, as especiais necessidades de nossa congregação. Temos de dedicar-nos à oração pela condição interna da igreja e pelo que acontece fora dela. Internamente, precisamos suplicar pelas necessidades particulares da nossa congregação, suplicar pelos insustentáveis em nosso meio, suplicar pelos casados, suplicar por nossas crianças, suplicar por uma vida piedosa, e suplicar que a pregação venha com poder. Externamente, temos de suplicar paixão ao testemunhar, suplicar que o Evangelho produza muito fruto por meio de nós, e que vejamos nossas congregações crescendo ano a ano.

### **Empecilhos**

Quais são alguns dos obstáculos mais comuns para reuniões de jejum e oração? Aqui estão alguns que julgo apropriado mencionar:

1. Sem dúvida nenhuma, o principal culpado é a nossa própria insensibilidade espiritual. João Calvino o disse no comentário de Joel 2:



... o Evangelho não aboliu essa prática. Parece-nos que a situação apenas nos mostra o quanto nos afastamos da correta e legítima ordem das coisas, visto que em nossos dias seria algo novo e incomum proclamar um jejum. Qual a razão desse estado de coisas? É que a maioria das pessoas se endureceu; e já que normalmente não sabem o que é arrependimento, não entendem o que significa a declaração de arrependimento; pois não entendem o que é pecado, o que é a ira de Deus, nem o que é a graça. Não é de admirar, então, que estejam tão fechados, e que, quando se menciona a súplica por perdão, isso seja algo totalmente desconhecido em nossos dias. Mas embora as pessoas em geral sejam tão obtusas, é nosso dever aprender dos profetas aquilo que sempre foi o verdadeiro modo de proceder entre o povo de Deus. Devemos trabalhar o quanto pudermos para que isso seja conhecido, de forma que, quando surgir alguma ocasião para arrependimento público, até o mais ignorante entenda que essa prática sempre imperou na Igreja de Deus, e que ela não se manteve pelo irrefletido zelo humano, mas pela vontade do próprio Deus (Calvino, Comentário do Profeta Joel, 14:45).

2. Outro culpado é nossa vida excessivamente programada e atarefada. Infelizmente, estamos ocupados demais para orar.

3. Finalmente, desconhecemos que um dos meios bíblicos comuns de buscar a bênção do Senhor é o jejum público comunitário e as orações de arrependimento e ações de graça.

Irmãos e irmãs, nossa luz está se apagando e nossa salinidade está perdendo o sabor. Busquemos o Senhor por meio do jejum e da oração nas reuniões de nossas comunidades.

# DIAS DE Jejum & Oração *na Tradição Reformada*

**Rev. Daniel R. Hyde** é ministro da Oceanside United Reformed Church, uma congregação da United Reformed Churches na América do Norte, em Carlsbad, Califórnia. É casado com Karajean, e têm três filhos, Cipriano, Caiden e Daxton.

Batizados na Igreja Católica Romana, foi convertido em uma Igreja do Evangelho Quadrangular; educado em uma das Assembléias de Deus serviu como um jovem pastor de uma igreja interdenominacional. Enquanto na faculdade, Danny chegou a experimentar a alegria e a certeza de que foi justificado pela fé somente, através dos escritos dos Puritanos.

Após sua graduação (BA, Vanguard University) Danny cursou o Seminário de Westminster na Califórnia (MDiv) e tornou-se o plantador de igrejas da Oceanside United Reformed Church (URC), em fevereiro de 2000, onde tem servido desde então.

Danny posteriormente recebeu seu título de Mestre em Teologia (THM) no Puritan Reformed Theological Seminary, em Grand Rapids, Michigan. Seu orientador e mentor foi o Dr. Joel Beeke, juntamente com Dr. Derek Thomas e Dr. Mark Jones. Sua tese foi sobre a teologia litúrgica do Inglês Congregacional, John Owen.

#### **Ele é autor de vários livros:**

God With Us: Knowing the Mystery of Who Jesus Is

In Defense of the Descent: A Response to Contemporary Critics

In Living Color: Images of Christ and the Means of Grace

Jesus Loves the Little Children: Why We Baptize Children

Planting, Watering, Growing: Planting Confessionally Reformed Churches in the 21st Century

The Good Confession: An Exploration of the Christian Faith

Welcome to a Reformed Church: A Guide for Pilgrims

What to Expect in Reformed Worship: A Visitors' Guide

Why Do We Believe in God

With Heart and Mouth: An Exposition of the Belgic Confession